



## **A ESTÉTICA DA FOME: Da Ilha das Flores à Vila Princesa<sup>1</sup>** A iconofagia impura dos corpos que devoram imagens

Daiana Aparecida de Souza COSTA<sup>2</sup>

Leiliane Ribeiro MENDONÇA<sup>3</sup>

Marco BONITO<sup>4</sup>

Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON/IUNI, Porto Velho, RO

### **Resumo**

O documentário “Ilha das Flores” e o artigo “Uma estética da fome” formam a inspiração fundamental para o desenvolvimento deste trabalho que é resultado de uma pesquisa exploratória desenvolvida no Lixão de Porto Velho, que pretende retratar através de uma exposição fotográfica como o consumo das imagens cada vez mais propagadas pela propaganda pode levar ao consumo desenfreado, baseado no conceito de Iconofagia (Consumo de Imagens).

**Palavras-chave:** Iconofagia; Ensaio Fotográfico; Ilha das Flores

### **Introdução**

Assim como em muitas cidades brasileiras, não existe aterro sanitário em Porto Velho. E por conta disso, o lixo é despejado em um local chamado “Vila Princesa”, onde seres humanos e urubus disputam o lixo todos os dias, onde são encontrados comida, roupas, sapatos e produtos recicláveis que garantem o sustento das famílias que “vivem do lixo”.

Por esse motivo este trabalho é apresentado como uma denúncia, pois a sociedade não se conscientiza e joga tudo o que julga inadequado ao seu consumo no lixo, mesmo sabendo que milhares de pessoas não têm o que vestir e até mesmo o que comer.

Este trabalho é fundamentado em produções artísticas brasileiras consideradas como referências mundiais. O artigo: “Uma estética da fome”, do cineasta Glauber Rocha compara a exposição do Brasil com a representação da miséria.

O documentário “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado (1989) foi usado como referência pelo seu caráter provocativo, instigante e social. O trabalho faz uma analogia

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Ensaio Fotográfico

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Interamericana de Porto Velho, email: daianacida@hotmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Interamericana de Porto Velho, email: leile@estadaodonorte.com.br

<sup>4</sup> Orientador do trabalho, professor Mestre em Comunicação e especialista em cultura midiática digital, coordenador dos cursos de comunicação social da Uniron, e-mail: marcobonito@marcobonito.com.br



entre os lixões de Belém Novo em Porto Alegre, conhecido como “Ilha das Flores” e o lixão de Porto Velho, capital de Rondônia, mais conhecido como “Vila Princesa”.

O conceito de iconofagia é fundamentado através do livro do comunicólogo Norval Baitello Júnior, *A era da Iconofagia*, que é o fenômeno do consumo das imagens.

### **Objetivo**

O principal objetivo deste projeto é mostrar à sociedade que está cada vez mais consumista e seduzida pela mídia, como vivem as pessoas que sobrevivem do lixo, onde a coleta seletiva seria a forma mais simples de evitar que pais e mães de família e até crianças mantivessem contato com comida podre, latas enferrujadas e urubus.

### **Justificativa**

Com a disseminação de marcas e produtos por todo o mundo, a propaganda tem se tornado o principal atrativo para as vendas. Com isso, os publicitários têm se aliado aos artificios das imagens, cores e sons, tudo para atrair e persuadir consumidores, mesmo que ele seja um catador de material reciclável.

Este fenômeno pode ser entendido através do conceito de iconofagia, que é fundamentado pelo autor Norval Baitello Júnior, no livro *A era da Iconofagia*, publicado em 2005, como o consumo de imagens.

Iconofagia significa a devoração das imagens ou pelas imagens: corpos devorando imagens ou imagens que devoram corpos. Essa ambigüidade é interessante porque, na verdade, os dois processos ocorrem. A Era da Iconofagia significa que vivemos em um tempo em que nos alimentamos de imagens e as imagens se alimentam de nós, dos nossos corpos.

O autor lembra que as imagens surgiram nos primórdios, quando os seres humanos perceberam que uma das fases da evolução da vida, era a morte e precisavam deixar suas histórias marcadas, mesmo que fossem em pinturas nas rochas, dos locais onde habitavam, mostrando assim como eram seus costumes. Esta passagem pode ser percebida nesta citação:



“Por medo da morte propiciamos, no alvorecer da hominização, a produzir imagens dos mortos. Por medo das imagens da morte passamos a acelerar a produção das imagens, no intuito de afastar ou realçar a vivência da própria morte” (BAITELLO, 2005. p.53).

Por conta disso é que o conceito de iconofagia é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, pois é por conta do medo da morte, que dezenas de famílias procuram no lixo um meio de vida, mesmo que em condições desumanas.

Na obra, são citados os degraus da iconofagia e suas características. Com isto voltamos a Baitello Júnior que assim diz:

“Há tempos, as imagens procedem de outras imagens, se originam da devoração de outras imagens. Teríamos aí o primeiro degrau da iconofagia. O segundo degrau surge quando nós humanos começamos a consumir as imagens. Não mais as coisas, mas seus atributos imagéticos é que são consumidos. Até mesmo a comida está sendo desmaterializada por meio das imagens. Cada vez menos se comem alimentos, cada vez mais se comem imagens de alimentos” (BAITELLO, 2005. p.54).

Podemos entender esta passagem quando vamos ao supermercado, e percebemos que as embalagens enchem os olhos dos consumidores e atraem para a compra de produtos muitas vezes supérfluos.

A fotografia foi o meio mais abrangente para denunciar o que realmente acontece na sociedade de consumo e quais são as suas consequências. As fotografias deste trabalho são baseadas no trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado, conhecido mundialmente, por mostrar através de fotos em preto e branco a realidade de trabalhadores excluídos da sociedade que muitas vezes trabalham em condições desumanas.

Na obra Tudo sobre fotografia, no capítulo sobre o mundo da fotografia, Busselle (1979), afirma que o filme em preto e branco foi utilizado em muitas das melhores fotografias. Contudo, esse fenômeno não deve ser atribuído simplesmente a inexistência de outros sistemas, pois quando se elimina a cor pode-se simplificar e reforçar os elementos essenciais do tema. A fotografia nasceu em preto e branco, ou preto sobre o branco, no início do século XIX.

A utilização da fotografia tem certa relevância quando se trata da divulgação dos fatos para sociedade o que é exatamente abordado na citação abaixo onde faz referência da utilização das fotos em preto e branco.



“Na verdade, os dois processos de reprodução fotográfica em branco e preto em cores deveriam ser encarados como dois meios de comunicação bastantes diversos, apesar de a cor, como princípio, representar apenas uma extensão da monocromia” (BUSSELLE, 1979 p.38).

No capítulo Fotojornalismo, de Busselle (1979), a expressão fotojornalismo – ou fotos de reportagem – representa uma denominação genérica, onde se inclui uma grande variedade de temas fotográficos, desde o lançamento de um navio ao mar até uma exposição de cães na cidade, de um prédio em chamas a um desfile militar.

Através das fotografias em preto e branco pretende-se mostrar como consumimos imagens em todas as suas formas: marcas, modas, grifes, tendências, atributos, adjetivos, figuras, ídolos, símbolos, ícones e logomarcas.

### **Métodos e técnicas utilizados**

Por se tratar de um local administrado pela Prefeitura Municipal de Porto Velho, a entrada no lixão só é permitida para catadores ou pessoas credenciadas pela empresa terceirizada.

Durante um mês foi realizada uma pesquisa exploratória na Vila Princesa, onde moram os catadores de material reciclável e ficam os materiais que serão mandados para outros Estados. No local foram observados os costumes e identificados também quais seriam os principais personagens para o desenvolvimento do trabalho.

O trabalho no local é desumano, por isso muitos dos catadores se recusaram a conversar com o grupo e não deixaram ser fotografados.

Depois de identificadas as pessoas que eram mais acessíveis e que se enquadravam no perfil do trabalho, a entrada do grupo no lixão foi liberada somente por um dia. Aproveitada a oportunidade foram tiradas mais de 300 fotografias em mais de quatro horas dentro do lixão, as condições no local não eram favoráveis à saúde naquele dia principalmente para quem não acostumado a inalar tanta fumaça química.

As principais fontes de consulta foram os próprios catadores de materiais recicláveis, onde foi observada uma certa particularidade em cada um, o que foi de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Equipamentos: Máquina Fotográfica Nikon D80 com lente 18-105 mm que faz até cinco fotografias por segundo.

Orçamento: Transporte: R\$ 50, revelação das fotografias 20x30: R\$ 150 e material para montagem da exposição: R\$ 80.



## **Descrição do produto**

A exposição fotográfica intitulada “A estética da fome: da Ilha das Flores à Vila Princesa – A iconofagia impura dos corpos que devoram imagens”, é composta por 30 fotografias em preto e branco tamanho 20x30, coladas em papel cartão preto, presas a cordas de sisal e à garrafas de dois litros de Coca-Cola. As legendas das fotografias são fragmentos dos textos utilizados como teorias fundamentais e passagens do documentário “A Ilha das Flores”.

O lixão onde foram tiradas a maioria das fotografias, é o cenário perfeito para explicar como a sociedade de consumo contribui para a degradação do meio ambiente e principalmente para a falta de condições de trabalho de muitas pessoas.

## **Considerações**

A produção da exposição fotográfica não contribuiu apenas para mostrar como vivem os catadores de materiais recicláveis. Provoca também reflexões em cada pessoa que olha uma das fotografias e imagina como poderia ser diferente a vida daqueles catadores se existisse uma conscientização da população com relação ao destino do lixo, e esta é a principal reivindicação destes trabalhadores que se sujeitam à estas condições de trabalho, muitas vezes por que não teve oportunidade de estudar e dar uma vida melhor para a família.

## **Referências bibliográficas**

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da Iconofagia – Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre Fotografia**. São Paulo: Thomson Pioneira, 1979.

BARTHES, Roland. **A Mensagem Fotográfica. Teoria de Cultura de Massas**. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ROCHA, Glauber. **Uma estética da Fome**. Rio de Janeiro: Revista Civilização Brasileira n. 3, 1965.